

---

## A ARQUITETURA LOCAL NA IMPRENSA NACIONAL

FÚLVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA  
Professor Assistente UAEP/UFCG  
fulvio\_teixeira@yahoo.com.br

### Introdução

Estimulada pela repercussão no exterior, por volta dos anos 1950, havia no Brasil uma privilegiada divulgação da produção arquitetônica nacional. Nas palavras de Segawa (1982, p. 46): “Nunca o arquiteto brasileiro teve tantas publicações nacionais à disposição como na década dos anos 50 e início dos 60”. Revistas como *Habitat* (1950-1965), *Brasil Arquitetura Contemporânea* (1953-1958), *Arquitetura e Decoração* (1953-1958), *Forma* (1954-1955), *Módulo* (1955-1965), *Brasília* (1957-1962), *Bem Estar* (1958-1960), *IAB* (1958-1959), *Espaço* (1959-?), *Arquitetura* (1961-1968) surgiram nesse momento e se uniram às publicações anteriores – como *Acrópole* (1938-1971) e *Arquitetura e Engenharia* (1946-1965) [Figura 1].

Tais revistas contribuíram para construir uma discussão de arquitetura não restrita aos profissionais da área, já que interessava a sociedade como um todo. Soma-se a isso que elas estavam voltadas ao interesse de persuadir ou convencer seus leitores, fosse ao estabelecer modelos ou ao valorizar determinadas correntes em detrimento de outras. A revista *Acrópole*, por exemplo, editada em São Paulo, é apontada por Segawa (2002, p. 152), como um importante instrumento para divulgar nacionalmente o que lá se realizava. E, conforme Serran (1988), “a revista *Arquitetura* (1961-68), editada no Rio de Janeiro, era o principal veículo que homogeneizava o pensamento da categoria”.

Nas páginas desses periódicos especializados eram publicados desde projetos e obras construídas, que serviam de modelos às novas realizações, até debates teóricos e discussões técnicas. Ou seja, eram transmitidos os valores plásticos e as qualidades funcionais e construtivas dessa arquitetura.

Debate que, por vezes, surgia no “sentido de esclarecer” soluções apropriadas esteticamente “em diversos prédios construídos nos últimos anos”. Dessa forma, os pilares em “V”, solução reproduzida em diversidades localidades do país, foi tema de reportagem voltada a sua correta utilização “sob o ponto de vista estático” (SILVA JÚNIOR, 1959, p. 41). Assim essa criação desenvolvida por Niemeyer, em 1951, no

Palácio da Agricultura do Parque do Ibirapuera (em São Paulo), após esboçar, no ano anterior, solução semelhante no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, poderia se propagar tanto do ponto de vista plástico quanto do ponto de vista técnico.

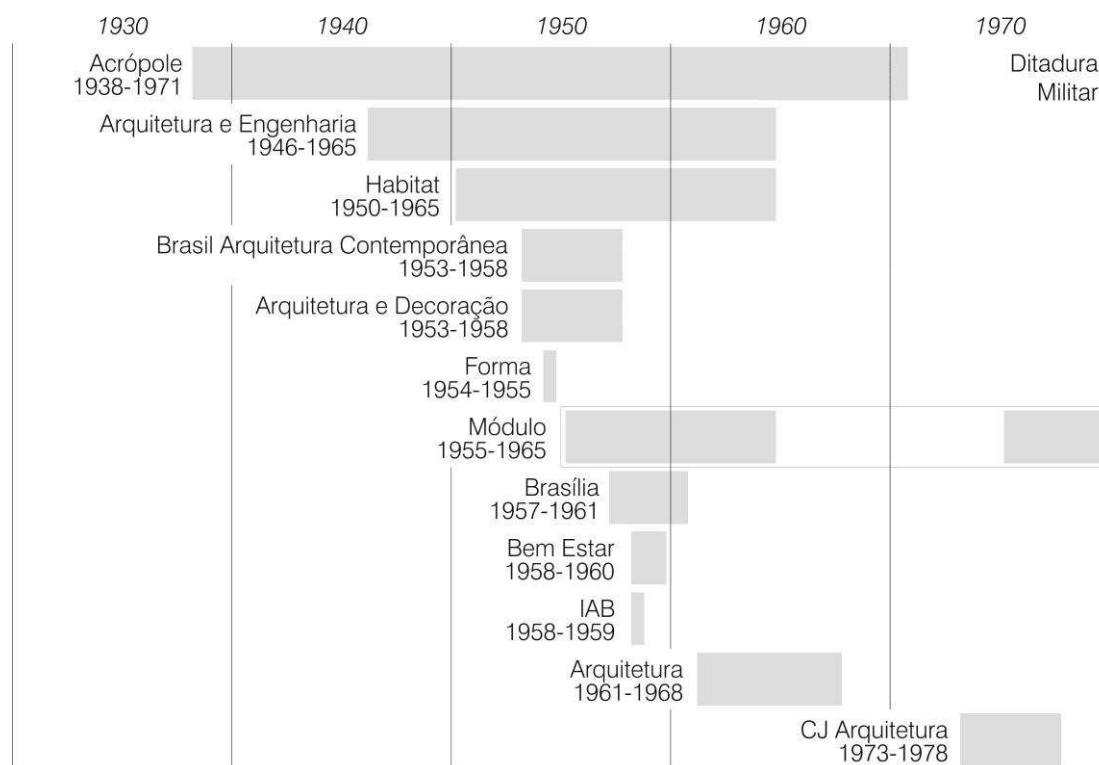


Figura 1: Quadro histórico das revistas brasileiras de arquitetura. Fonte: PEREIRA, 2008, p. 14.

Mesmo a publicidade de materiais de construção, cujo alcance é mais difícil de ser por nós captado, também fomentava o imaginário da arquitetura moderna. A propaganda das Telhas Eternit (COBERTURAS..., 1965, p. V) associava o caráter moderno de seu produto às suas econômicas qualidades construtivas e à possibilidade de “combinar com as portas de correr, com os janelões abrindo para o jardim” e identificava “um V de cabeça para baixo” como o “célebre formato dos telhados antigos”, numa alusão aos telhados aparentes com cumeeira. Tais formulações, provavelmente divulgadas em outros meios, atingiam tanto os profissionais dedicados à construção como os comerciantes e os consumidores desses produtos.

Esta pesquisa, originada de dissertação de mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, aborda a presença da Paraíba em revistas de circulação nacional especializadas em arquitetura. Para isso se concentra nos principais periódicos

editados nos anos 1950 e 1960. Objetiva-se com isso apontar de que modo a produção moderna local era inserida em meio à produção arquitetônica nacional, a fim de delimitar como se estabelecia aos leitores um imaginário dessa produção e qual era essa imagem então construída.

### **A recepção das revistas especializadas pelos paraibanos**

Nos anos 1950 também se dava a expansão da imprensa paraibana, quando foram criadas ou voltaram a ser editadas revistas de circulação local. Em novembro de 1957, foi lançada a revista mensal sobre cultura paraibana *Trópico*, dedicada a letras, artes e ciências. Em julho de 1959, voltou a circular a revista, fundada em 1921, *Era Nova*, com o pretense objetivo de “realçar os [...] legítimos valores” da Paraíba (ERA..., 1960, p. 8). Em 1961, foi anunciada que voltaria a circular a revista mensal *Ilustração*, direcionada à arte. A revista mensal *Manaíra*, fundada em 1939 e dedicada a “arte, cultura e divulgação”, continuava em 1965 em circulação. E, em abril de 1966, também foi fundada a revista mensal *Tambaú*, com o intuito de ser a divulgadora da “expansão econômica, social, cultural e artística” da Paraíba e de criar um intercâmbio entre esse e os demais estados nordestinos.

Isso não significava, entretanto, a existência de títulos locais dedicados à arquitetura, uma vez que foi apenas nas páginas dos jornais, de forma esporádica e sem um espaço específico, que textos sobre esse tema foram publicados. Dessa forma, eram as revistas especializadas de circulação nacional que puseram os profissionais da região a par de tais discussões.

Apesar de não haver curso de arquitetura no estado, o qual só foi criado em 1974 na Universidade Federal da Paraíba, e de ser pequeno o número de profissionais da área, como comprovava os inúmeros engenheiros civis a realizarem projetos de edifícios e a freqüente presença de profissionais de Recife, existia uma considerável receptividade às publicações especializadas sobre arquitetura.

Esse contato se dava principalmente por meio da Escola de Engenharia da Paraíba, a exemplo de periódicos assinados pelo curso ou apresentados por seus docentes aos alunos. A revista *Arquitetura*, editada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e distribuída de forma gratuita, era um efetivo exemplo dessa relação, como indicavam as diversas correspondências destinadas a esse periódico. Em 1963, o

vice-diretor em exercício da própria Escola de Engenharia da Paraíba, Vitoriano Gonzalez y Gonzalez, escrevia a essa revista para comunicar o recebimento e que o material era disponibilizado na biblioteca.

Com a tomada do poder pelos militares, o panorama que se esboçava nos anos anteriores mudou: houve nesse período uma redução da discussão arquitetônica, fruto do desaparecimento de algumas revistas especializadas (Arquitetura e Engenharia, Habitat, Módulo) [Figura 1]. E mesmo aquelas que foram mantidas, Arquitetura, até 1968, e Acrópole, até 1971, tiveram curta duração. Apenas em 1973 foi lançada a revista CJ Arquitetura e em 1975 a revista Módulo voltou a ser editada (SEGAWA, 2002, p. 191).

Em meio a menor quantidade de títulos disponíveis se intensificaram os contatos de estudantes e profissionais locais para solicitar o recebimento da revista editada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Arquitetura. Em 1966, o Antônio Augusto Torres Camello, comunicava o primeiro contato que tivera com a revista através do professor da Escola de Engenharia da Paraíba, o arquiteto Leonardo Stuckert Fialho. No mesmo ano, o também estudante, Renato Magalhães da Silva solicitava o recebimento da revista. E, no ano seguinte, o mesmo fazia a aluna da Escola de Engenharia da Paraíba, Ivanise de Oliveira Leitão.

Profissionais de Campina Grande também noticiavam o contato com a mesma revista. Em 1967, Marcelo de F. Lopes, diretor-secretário da ENPLA – Engenharia e Planejamento, solicitava o recebimento da revista. No mesmo ano, Geraldino Pereira Duda, Diretor do Departamento de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Campina Grande/PB, também desejava o mesmo periódico.

### **Os projetos então publicados nas revistas**

Apesar de a revista Arquitetura ter tido ampla recepção entre estudantes e profissionais da Paraíba, não registramos qualquer projeto ou obra local publicado em suas páginas. Se esse título tinha o interesse em ampliar o alcance da distribuição de suas edições para localidades afastadas, o mesmo não se dava em relação à tentativa de diversificar a origem das obras publicadas. Predominavam projetos, em geral dos grandes centros do Sudeste do Brasil ou de arquitetos consagrados nacionalmente.

Outras revistas (Módulo, Arquitetura e Engenharia, Habitat, Brasil – Arquitetura Contemporânea) igualmente não registraram a arquitetura paraibana. A exceção se deu com a revista Acrópole, onde foram publicados dois projetos locais.

Em 1959, foi publicado o projeto não edificado do edifício de apartamentos Caricé, de autoria do arquiteto radicado em Recife Florismundo Lins (EDIFÍCIO de apartamentos, 1959, p. 110-111), numa matéria que não trazia qualquer indicação da cidade em que se localizava a obra. Era a identificação das ruas, “avenida Getúlio Vargas, esquina da rua Princesa Isabel”, do arquiteto e do nome do edifício que permitiam, apenas aos conhecedores da capital paraibana, reconhecer sua localização. Prevalciam, pois, as descrições funcionais, técnicas e plásticas do edifício. O valor paisagístico de seu entorno, formado pelo Parque Solon de Lucena, e o ainda incipiente processo de verticalização percebido na cidade eram desconsiderados como elementos significativos para a caracterização do projeto. O texto parecia se alinhar a pouca importância que a arquitetura moderna dava às particularidades do lugar, ao propor o edifício como um objeto autônomo à paisagem.

Em 1970, foi veiculada, na mesma revista Acrópole, a agência do Banco do Nordeste do Brasil (AGÊNCIA..., 1970, p. 34-35), localizada em João Pessoa e de autoria dos arquitetos radicados em Fortaleza José Liberal de Castro e Gerhard Ernest Bormann. Novamente o projeto era abordado como um objeto isolado, caracterizado por suas qualidades intrínsecas: solução espacial e funcional. A escolha do lugar, ocupado por construções antigas, algumas das quais de inegável valor artístico e histórico, como o Palácio da Secretaria de Fazenda (Clodoaldo Gouvêa, 1933), uma das primeiras obras modernas da capital paraibana, não tinha qualquer relevância no texto.

Na revista Casa & Jardim, fundada em 1953 e destinada a um público menos especializado, foi publicada uma obra construída em João Pessoa. Em 1967, uma reportagem foi dedicada à residência Otacílio Campos (ARQUITETURA no Nordeste, 1967, p. 36-41), projetada por Acácio Gil Borsoi, arquiteto radicado em Recife. Dessa vez, a localização da obra no Nordeste era exaltada em pleno título da reportagem. E identificada de forma clara, logo no início do texto a cidade em questão: “Cenário – João Pessoa”. Todavia o artigo centrava-se em qualificar os profissionais atuantes, Acácio Gil Borsoi, responsável pela arquitetura, e Sérgio Rodrigues, autor do projeto de interiores, e em justificar do ponto de vista plástico e funcional a obra, através da

descrição dos vários elementos da construção. Novamente, salvo o título da reportagem, pouco peso tinha a localização da obra, situada em recente área de expansão urbana: o eixo de ligação entre o centro e a praia, a Avenida Epitácio Pessoa.

Os projetos eram, pois, publicados de forma esparsa ao longo do tempo. E mais do que registrar a produção de uma localidade, eles apenas assinalavam a atividade individual de seus arquitetos. Enfoque que se voltava à produção de profissionais consagrados, de forma que a atenção recaia mais no talento individual desses do que propriamente na produção arquitetônica de uma determinada região ou cidade. Tal fato reforçava uma leitura da produção de arquitetura centrada em grandes personalidades, cujas obras poderiam ser compreendidas de forma autônoma, sem o vínculo com as particularidades do lugar. Salvo discretas referências às suas localizações, esse distanciamento ajudava a fomentar uma imagem de projetos universais, possíveis de serem reproduzidos em distintas paisagens e que poucas influências sofriam das localidades onde se implantavam. Ou seja, apesar das dimensões continentais do Brasil, que abrigava diversidade de culturas, de condições climáticas, construtivas e econômicas, pouco peso era dado a essas particularidades ou diferenciações.

E ao focar projetos e não obras construídas, certas dificuldades inerentes à materialização dos edifícios não eram também percebidas. Com efeito, o edifício de apartamentos Caricé, então publicado, não logrou ser construído. Apesar das inúmeras qualidades de concepção ressaltadas na publicação, seu projeto foi descartado em favor de um outro realizado por seu próprio empreendedor, Romildo Marques de Almeida, que julgou ser financeiramente mais rentável e que veio a ser construído.

Dessa forma, com base exclusivamente nos projetos então publicados não se tinha uma leitura que refletisse a produção do estado da Paraíba, tampouco a identificação de seus autores principais, salvo a menção a Acácio Gil Borsoi, que tivera sido, apesar de radicado em Recife, um dos profissionais que mais influenciaram a produção local. Foi responsável por luxuosas residências da época, cuja produção se estendeu inclusiva a cidade de Patos, e por sedes de clube sociais, Esporte Clube Cabo Branco, Iate Clube da Paraíba.

## **A modernização da arquitetura paraibana**

Devemos notar que em meados dos anos 1950 e 1960, ao tempo que uma geração anterior de arquitetos encerrava suas atividades na Paraíba, um novo impulso era dado à modernização arquitetônica local, graças à chegada ou ao início de atuação de novos profissionais. Esses eram agora formados no Rio de Janeiro ou, em sua maioria, em Recife, após a modernização do curso de Escola de Belas-Artes de Pernambuco, com a contratação de novos professores em início dos anos 1950: Mário Russo, Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim. Passaram a atuar nessa época em João Pessoa e Campina Grande arquitetos como Mário Di Lascio, Carlos Carneiro, Tertuliano Dionísio, Acácio Gil Borsoi, Augusto Reynaldo, Heitor Maia Neto, Waldecy Pinto, Pedro Dieb.

Novas residências, que nesse momento se apropriavam do espaço fluido e da limpeza formal, eram sintomáticas de tal modernização. Mudanças percebidas inclusive por noticiários nos jornais locais, que também assinalavam o surgimento de edifícios de vários pavimentos, que igualmente mudavam a paisagem urbana. Da mesma forma, sedes de clubes, que ostentavam a plasticidade das grandes estruturas, e obras públicas se direcionavam a semelhante orientação.

Tais construções realizadas por profissionais instalados no estado ou radicados em Recife se alinhavam à produção da arquitetura moderna brasileira registrada em periódicos de circulação nacional e internacional. Soluções formais utilizadas por arquitetos, como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Sérgio Bernardes, Eduardo Reidy, eram apropriadas em distintos modos nas construções locais.

Esse processo se dava num momento em que a arquitetura moderna passava por um período de consolidação e ampla difusão no país. Nas mais diversas localidades traços da arquitetura moderna, mesmo que por vezes desvinculados das condições que lhes deram origem, se multiplicavam: as estruturas independentes dos fechamentos, o uso de pilotis, a proteção climática através de brises e cobogós, os telhados aparentes substituídos por lajes impermeabilizadas ou coberturas com as águas invertidas, os espaços internos com menor quantidade de subdivisões, o apelo plástico do concreto armado. Propagação de valores que também ocorria por meio de obras pontuais de arquitetos consagrados, deslocamento de profissionais para novas localidades e realizações modernas empreendidas pelo Estado.

---

### **Outras formas de apreensão**

Se podemos constatar a quase ausência da arquitetura local nesses periódicos, não obstante as inúmeras realizações então edificadas, verificamos, por outro lado, esparsas referências locais em publicidades da revista *Arquitetura*. É curioso, que apesar de tais publicidades, em suas páginas não se publicava nada sobre a arquitetura desse estado. Para um periódico que tinha o intuito de atingir os mais diversos rincões do país, a referência à Paraíba era utilizada como testemunho do alcance atingido por essa publicação.

Uma dessas publicidades veiculava uma carta de estudante de João Pessoa, Antônio Augusto Torres Camello, que noticiava o recebimento dessa mesma revista pela Escola de Engenharia da Paraíba. Veiculação que tencionava ilustrar a amplitude de alcance desse título, ao atingir estudantes de outros campos de conhecimento, que não apenas a arquitetura, e de localidades bem distintas daquelas publicadas em suas páginas.



## ARQUITETURA agora com os Prefeitos

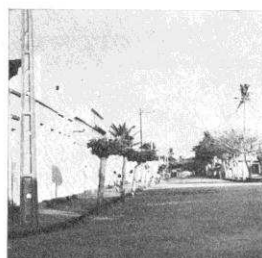
Juiz de Fora — MG.



Parati — RJ



Itapagé — CE.



Pilar — PB

Cêrca de 2 mil municípios brasileiros já podem agora acompanhar o que se faz hoje no Brasil em matéria de arquitetura e planejamento. Êles recebem mensalmente

ARQUITETURA

Figura 2:  
Publicidade da revista Arquitetura.  
Fonte:  
ARQUITETURA  
agora..., 1968, p. 1.

Idéia ainda mais reforçada em outra publicidade que noticiava a distribuição gratuita dessa mesma revista a diversas prefeituras municipais do país [Figura 2]. Conforme publicidade presente nesse mesmo título (ARQUITETURA agora..., 1968, p. 1), eram cerca de duas mil as cidades que recebiam seus exemplares e “acompanhavam o que se faz hoje [1968] no Brasil em matéria de arquitetura e planejamento”. Ilustravam essa afirmação desde cidade de porte médio ou situada na região mais desenvolvida, como Juiz de Fora/MG e Parati/RJ, até pequenas cidades do interior do Nordeste, como Itapagé/CE e Pilar/PB.

Nesse sentido essa revista, não obstante o direcionamento de seu enfoque aos grandes centros, buscava estabelecer o imaginário de seu amplo alcance. Longe de

pretendermos criar uma discussão entre centro e periferia, entre dominantes e excluídos, buscamos assinalar como esse processo de difusão propiciado pelos periódicos vai além de um simples registro de informações. Ao ampliar cada vez mais o público que recebe um conteúdo em geral restrito ou delimitado, é inegável o papel direcional desse processo, no qual seus leitores nem sempre estão registrados no material ao qual têm contato. E essa recepção de informações externas se enquadra num claro processo de transferência de cultura e saberes. Fenômeno que neste momento ainda não sofria a concorrência da televisão, cuja presença era ainda pouco freqüente nos lares brasileiros.

De toda forma, isso não significa um processo com a possibilidade de participação apenas passiva do receptor, porque o próprio fluxo de informações é, segundo Rogers (1962, p. 2), determinado pelas normas do sistema social e pelo status individual dos agentes dentro da estrutura social, a exemplo das normas tradicionais que podem desencorajar a adoção de novas idéias, contrariamente aos preceitos modernos, para os quais as mudanças e a assimilação de inovações são anseios constantes. Afora determinar a maior ou menor aceitação de inovações ou de influências externas, o próprio receptor age sobre o conteúdo assimilado, pois “toda transferência de conceitos, problemas ou métodos é acompanhada da transformação destes” (LEPETIT, 2001, p. 36). Por conseguinte, a apropriação pode levar a distintos resultados e não apenas à mera reprodução dos conhecimentos propagados. Com efeito, para Smith ([1933?], p. 10, tradução nossa), “das idéias e informações submetidas a um indivíduo apenas partes são adotadas: a escolha é determinada pelos sentimentos pessoais e circunstâncias do receptor”. Pensamento sublinhado pelo mesmo autor (SMITH, [1933?], p. 10, tradução nossa), ao reconhecer que “semelhante seleção e transformação ocorre em toda difusão de cultura, não apenas de um indivíduo para outro, mas muito mais profundamente na passagem de uma comunidade para outra”.

### **Considerações finais**

É perceptível que os periódicos especializados em arquitetura não foram, nos anos 1950 e 1960, os meios mais adequados para se caracterizar a produção realizada na Paraíba, já que o enfoque destas publicações se voltava em geral às realizações de personalidades isoladas, em especial de arquitetos consagrados. Soma-se a isso o pequeno número de matérias dedicadas às realizações desse estado. Dessa forma não

poderíamos afirmar que houvesse a construção de um imaginário sobre a produção local. Quando muito, sua constante ausência de tais publicações ampliava o desconhecimento dessa produção, a qual era captada apenas através da atuação pontual de profissionais de fora, os quais nem sempre foram os mais atuantes ou influentes na região.

## Referências

- AGÊNCIA Bancária. **Acrópole**, São Paulo, n. 373, p. 34-5, maio 1970.
- ARQUITETURA agora com os prefeitos. **Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 76, p. 1, out. 1968.
- ARQUITETURA no Nordeste. **Casa & Jardim**, São Paulo, n. 153, p. 36-41, out. 1967.
- COBERTURAS horizontais Eternit. **Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 36, p. V, jun. 1965.
- EDIFÍCIO de Apartamentos. **Acrópole**, São Paulo, n. 243, p. 110-111, jan. 1959.
- “ERA Nova” (edição dedicada a Campina) encontra-se em circulação. **O Norte**, João Pessoa, p. 8, 27 jan. 1960.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Tradução: Cely Arena. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. **Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-21072008-142851/>>.
- ROGERS, Everett M. **Diffusion of Innovations**. New York: The Free Press of Glencoe, 1962.
- SEGAWA, Hugo. Arquitetura moderna brasileira: uma questão bibliográfica? **Projeto**, São Paulo, n. 42, p. 42, 47, ago. 1982.
- \_\_\_\_\_. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2 ed. (1 reimpr.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. (Acadêmica, 21).
- SERRAN, João Ricardo; COIMBRA, Clarissa Junqueira. História: Participação Direta e Luta Intensa. **Instituto de Arquitetos do Brasil**, [S.l.], 1988. Disponível em: <<http://www.iab.org.br/historia/#h6>>. Acesso em: 18 abr. 2007.
- SILVA JÚNIOR, Jayme F. da. Sobre os pilares em V. **Arquitetura e Engenharia**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 41-42, set./out. 1959.
- SMITH, G. Elliot. **The diffusion of culture**. London: C. A. Watts & Co., [1933?].